Vol. V, N.º 8 — pp. 61-64 5-X-1944

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTAS SÔBRE A OFIOLOGIA NEOTRÓPICA E BRASÍLICA (*)

POR

AFRÂNIO DO AMARAL

VIII

FORMAS DE DIPSADÍNEOS DE RECENTE REGISTO

Em 1923 (1), revendo os gêneros que BOULENGER, seguindo GUENTHER (2), incluira na família *Amblycephalidae* (3), propus a supressão desta família e a inclusão daqueles gêneros em uma nova subfamília, *Dipsadinae,* da família *Colubridae.* Esta subfamília seria constituida por serpentes de dentição áglifa e, por intermédio de seu gênero *Heterorhachis* Amaral, aproximar-se-ia de *Colubrinae* e, mais diretamente, do gênero *Petalognathus* D. & B.. Neste caso, o nome *Dipsadinae* não seria mais usado na accepção em que COPE o aplicara, ligando-o a um grupo de serpentes de dentição opistóglifa ("glyphodonta") e representadas por certos gêneros subordinados por COPE à sua família *Dipsadidae.*

Ao usar o nome *Dipsadinae* (e *Dipsadidae,* naturalmente), COPE tirou-o, indiscutivelmente, do gênero típico *Dipsas* Laurentius, cuja dentição, porém, nem de leve lembra o tipo opistóglifo. Retirado desta subfamília, o gênero *Dipsas* deveria passar para a subfamília *Leptognathinae* de COPE. Mas, sendo *Dipsas* Laurentius nome mais antigo do que *Leptognathus* D. & B., o nome da nova subfamília áglifa deveria ser, como foi, chamada *Dipsadinae.*

(*) Entregue para publicação em 12-6-1944.

Feito isto, os gêneros remanescentes na subfamília *Dipsadinae* de COPE, desmembrada, passaram a avolumar a subfamília *Boiginae* (*Dipsadomorphinae*) de BOULENGER, a qual, dentre os demais agrupamentos subordinados por COPE à sua subfamília *Dipsadinae*, englobou ainda *Scytalinae* e *Erythrolamprinae*, tendo-se aproveitado apenas o nome *Homalopsinae*, que continuou a representar uma subfamília já agora ligada à família *Colubridae* "sensu lato".

Na presente Nota, a palavra Dipsadíneos (latina *Dipsadinae*) é aplicada na accepção de AMARAL (1923).

PARKER (5) tratou, em data algo recente, dos caracteres distintivos entre as espécies de *Dipsas* Laur. e de *Sibynomorphus* Fitz., mostrando-lhes a inconsistência, dado que a presença ou ausência de dentes pterigoídeos não fornece a necessária fixidez. Neste caso, fundindo-se êstes nomes, prevaleceria *Dipsas* (na acepção de LAURENTIUS, não na acepção de FITZINGER), com o tipo *indica*, constante da publicação original, ou seja Synopsis Reptilium, págs. 89-90. 1768.

No particular, PARKER, aludindo a verificações de MOCQUARD (ou de BOCOURT) (6), esqueceu-se de acentuar que aqueles dois grupos se poderiam, à primeira vista, distinguir, pela presença de dois a tres pares de infralabiais contíguas atrás da sinfisal em *Dipsas* e de apenas um par de infralabiais contíguas em *Sibynomorphus*. Usando êste critério, GOMES (7) apontara como *Dipsas* a espécie *variegata*, além de *indica* e *albifrons* já indicadas por MOCQUARD (ou BOCOURT). Em igualdade de condições penso encontrar-se a forma *brevifacies* de COPE (afim de *Dipsas variegata*), a qual deve passar para o gênero *Dipsas*, o qual foi ultimamente enriquecido das seguintes espécies: *pratti*, descrita como *Sibynomorphus* (*Leptognathus* "pro parte") por BOULENGER (8) para a Colômbia (Medellin); *neivai*, descrita por mim (9) para o Brasil (Bahia e Minas Gerais); *trinitatis*, descrita por PARKER (10) para a Trindade.

Embora PARKER (10) tenha incidentemente mostrado que, em *Dipsas* (*Sibynomorphus*) *palmeri* de BOULENGER, o 2.º exemplar obtido pelo Museu Britânico apresenta o segundo par de placas infralabiais *quase* contíguo após o primeiro par, por detrás da placa sinfisal ou mental, acredito que, por uma questão de con-

veniência nomenclatural, se devem manter ainda separados os grupos *Dipsas* (espécies em geral com 2-3 pares de infralabiais contíguos) e *Sibynomorphus* (espécies em geral com um só par de infralabiais contíguo).

No tocante aos caracteres distintivos das espécies de *Dipsas* entre si ou com as de *Sibynomorphus*, deve-se exercer grande prudência. Realmente, no curso de meus estudos comparativos da bibliografia e de tipos e exemplares vivos, ou conservados em diversas instituições, cheguei à conclusão de que nos representantes dêstes 2 gêneros as variações são extensíssimas, donde o perigo de decrição de espécies novas monotípicas. Entre essas variações as mais impressionantes dizem respeito a:

1.º) colorido e marcas do dorso, cabeça e ventre — Sujeitos a modificações intensas de idade, sendo, por isso, às vezes bem diversos entre exemplares jovens e adultos ou velhos;

2.º) proporção recíproca das placas cefálicas — Susceptível de alteração conforme a idade dos exemplares e variável por vezes entre indivíduos aparentemente da mesma idade;

3.º) número de placas supralabiais (e das contíguas à órbita), postoculares, temporais, ventrais e subcaudais — Variável entre extensos limites, segundo, aliás, ocorre em muitos outros grupos de ofídios;

4.º) número de mentais a discrepar entre 2 a 4 pares, conforme já está assinalado em *D. indica* e em *S. mikanii*, ou entre 2 a 3 pares, segundo já está registado em *D. variegata*, ou entre 3 a 4 pares, concorde ocorrência em *S. ventrimaculatus;*

5.º) presença ou ausência de preocular — Ocasional ausência em *S. variegata* segundo Bocourt (2, pág. 897); presença rara em *S. mikanii* e *S. ventrimaculata;* presença de duas em *S. alternans* e *S. sanniolus* e até, eventualmente, de tres em *S. catesbyei*.

Sem embargo dessa extrema variabilidade e aparentemente pelo fato de a desconhecer por completo, Prado, recentemente, publicou a descrição de duas espécies de *Dipsas*, baseadas ambas em um só exemplar e, ainda por cima, jovem e procedente da Colômbia:

1. — *Dipsas niceforoi* Prado (11), que, à luz dos dados acima alinhados e discutidos, não parece distinta de *D. variegata* (D. & B.), na qual PARKER já registara a ocorrência de alguns dente pterigoideos;

2. — *Dipsas tolimensis* Prado (12), que, por igual fundamento, parece idêntica a *D. pratti* (Blgr.), devendo-se notar que PRADO, embora se tivesse referido à dentição de *D. nicefori*, silenciou com relação à de *D. tolimensis*.

BIBLIOGRAFIA

1 - AMARAL, A. DO — New genera and species of snakes — Proc. N. England Zool. Cl. 8: 94-96. 1923.

2 - GUENTHER, A. — Reptiles Brit. India: 324. 1864.

3 - BOULENGER, G. A. — The fauna of Brit. India: 414. 1890 (et Cat. Sn. Brit. Mus. 3: 438. 1896).

4 - COPE, E. D. — The classification of the Ophidia — Transact. Amer. Philos. Soc. 18: 207-209. 1895 (et Rep. U. S. Nat'l Mus.: 777, 1091. 1898 (1900).

5 - PARKER, H. W. — Description of a new snake form Trinidad — Ann. & Mag. Nat. History (9) 18: 206. 1926.

6 - BOCOURT, M. F. — *in* MOCQUARD, DUMÉRIL & BIBRON — Miss. Scient. Mex. et Amer. Centrale: 898. 1870-1909.

7 - GOMES, J. F. — Ofídios do Museu Rocha (Ceará) — Rev. Mus. Paulista, 10: 526. 1918.

8 - BOULENGER, G. A. — Ann. & Mag. Nat. History (6) 20: 523. 1897.

9 - AMARAL, A. DO — Novos gêneros e espécies de ofídios brasileiros — Arch. Mus. Nacional. Rio 26: 14 (sep.), tab. 2, figs. 9-11. 1926.

10 - PARKER, H. W. — Reptiles and Amphibians from S. Ecuador — Ann. & Mag. Nat. History (10) 14: 271. 1934.

11 - PRADO, A. — Uma nova espécie de Colubrideo áglifo da Colômbia — Mem. Inst. Butantan 14: 14. 1940 (3 figs.).

12 - PRADO, A. — Redescrição de 2 serpentes colombianas — loc. cit. 16: 2. 1942 (3 figs.). (Descrição original de *D. tolimensis* in Ciência 2: 345. 1941).

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15